



ALCANTARA

Navio Veleiro

Incorporação: 1824.

Baixa: Nada consta.

Escuna de construção inglesa, incorporada a nossa Esquadra em fins de 1824. Recebeu o nome de *Alcântara*, em homenagem a São Pedro de Alcântara, santo português (1499-1562) canonizado em 1629 e festejado a 19 de outubro. Era o onomástico do Imperador D. Pedro I. Seu nome também homenageia a cidade e município da antiga província, atual Estado do Maranhão, que se espelha na Baía de São Marcos.

Assumi seu comando, a 1^o de fevereiro de 1825, o Segundo-Tenente Pedro Paulo Boutrouelle. Entrou no Porto do Rio de Janeiro a 18 de dezembro do mesmo ano. Zarpou do Rio de Janeiro a 13 de janeiro com destino a Montevideú, Uruguai onde aportou a 2 de fevereiro, sendo incorporada à Esquadra do Vice-Almirante Rodrigo J. Ferreira Lobo, que bloqueava Buenos Aires, Argentina. Passou depois, a bloquear a Esquadra argentina na Colônia do Sacramento. Na noite de 12 de março, foi posta de vigia ao inimigo; mas este conseguiu escapar sem ser pressentido.

"Subi acima – diz o almirante em sua parte oficial –, e a este tempo passava pela popa desta corveta a Escuna *Alcântara* e, perguntando-lhe pelo inimigo, respondeu que o tinha visto dentro do porto; e, então, lhe disse que tinha feito muito mal à comissão de que o tinha encarregado e lhe mostrei o inimigo que ia pela nossa popa em grande distância".

Partiu de Montevideú a 20 de março, transportando ferido o Chefe de Divisão Diogo Jorge de Brito, e chegou ao Rio de Janeiro no dia 30. Regressou a Montevideú a 13 de abril, onde aportou nos primeiros dias de maio. Dias depois voltava ao Rio de Janeiro como correio, por ordem do almirante, onde chegou a 23 do dito mês. No dia 29, deixava o seu comando o Tenente Boutrouelle, assumindo o cargo o Segundo-Tenente Alexandre José Gonçalves de Oliveira. A 8 de junho, velejava para o Rio da Prata, arribando ao Rio de



Janeiro no dia 17 do referido mês. Em novembro de 1828, encontrava-se no Pará ainda sob o mesmo comando, que foi substituído pelo Segundo-Tenente João José dos Santos.

Era essa Escuna artilhada com um rodízio de calibre 9 e tinha 37 praças de guarnição. Em agosto de 1831, com a revolta no Pará, foi mandada aparelhar a fim de levar a São João do Crato e Marabitanas o Cônego Gonçalves de Campos e outros desterrados políticos, sob o comando do Primeiro-Tenente Antônio M. Chermont Cabeda. Aos 10 de setembro, fazia-se de vela para o Rio de Janeiro junto com a Corveta *Campista*. Em abril de 1832, encontrava-se de novo no Pará; montava então quatro pequenos canhões, mas estava em mau estado. Em 1833, ainda estacionava em Belém. Em 1835 ainda figurava na Força Naval do Pará.